

## Alcoolismo: um problema social em assentamentos rurais

MARCELO LELES ROMARCO DE OLIVEIRA\*

### Resumo

Este artigo busca refletir acerca do alcoolismo em assentamentos rurais, no município de Padre Bernardo-GO. O interesse em estudar esse tema surgiu a partir da observação de campo em diversas comunidades rurais do país, por se perceber que o uso do álcool acarretou sérios problemas para as famílias que possuem algum membro que sofre do alcoolismo. Os dados apresentados nesse trabalho são frutos de trabalhos de campo realizados entre os anos de 2001 e 2006 que foram obtidos por meio de observação e análise do dia-dia de um grupo de alcoólatras no assentamento Vereda I. Os resultados indicaram que o álcool é uma doença crônica, e o seu uso é uma espécie de fuga da realidade para os assentados. Observou-se também que a ausência de políticas públicas relacionadas ao alcoolismo contribui para a gravidade da situação, culminando com o deterioramento das condições de vida do alcoólatra e de suas famílias.

**Palavras-chave:** Assentamento; Alcoolismo e Família.

### Alcoholism: A social problem in rural settlements

### Abstract

This article aims to reflect on alcoholism in rural settlements in the municipality of Padre Bernardo, GO. The interest in studying this subject arose from field observations in several rural communities in the country, noting that alcohol use caused serious problems for families who have a member who suffers from alcoholism. The data presented here are the results of fieldwork conducted between 2001 and 2006, obtained through observation and analysis of the daily lives of a group of alcoholics in the settlement Vereda I. The results indicated that alcohol is a chronic disease, and its use is a kind of escape from reality for settlers. It was also observed that the absence of public policies related to alcohol abuse contributes to the severity of the situation, leading to the deterioration of living conditions of the alcoholic and their families.

**Key Words:** Settlements; Alcoholism and Family.



\* **MARCELO LELES ROMARCO DE OLIVEIRA** é Doutor. em Ciências, Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade (CPDA/UFRRJ), professor de Extensão Rural do Departamento de Economia Rural da Universidade Federal de Viçosa.

## Introdução

O estímulo para escrever esse artigo surgiu das experiências com trabalhos em diversas comunidades, sobretudo, rurais (assentamentos, quilombolas, pescadores artesanais, indígenas e extrativistas). Em tais experiências observou-se que o alcoolismo tem contribuído para desencadear sérios problemas sociais e econômicos, e que deveria ser considerado, assim, um problema de saúde pública. Nesse sentido, parte dos dados que permitiram escrever essas reflexões são frutos da tese de doutorado intitulada *Retratos de Assentamentos: Um estudo de caso em assentamentos rurais formados por migrantes na região do entorno do Distrito Federal*, defendida em 2007 no curso de Pós-Graduação em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade, do CPDA da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. O campo da pesquisa abrangeu assentamentos rurais no município de Padre Bernardo-GO, na região de Pé de Serra, entre os anos de 2004 e 2006, foram pesquisados quatro assentamentos rurais (Vereda I (70 famílias), Vereda II (163 famílias), Boa Vista (145 famílias) e Água Quente (66 famílias). Nestes espaços moram aproximadamente 440 famílias. Entretanto, para este artigo privilegiaram-se as observações no assentamento Vereda I com 70 famílias, pois, nesse assentamento o pesquisador encontrou abertura para tratar da questão do alcoolismo.

Assim sendo, uma questão que se destacou durante a pesquisa foi o excessivo consumo de bebida alcoólica por parte de alguns assentados. Não foi possível levantar o número preciso de dependentes desta droga já que o alcoolismo é um assunto considerado tabu e muitas famílias preferem não

conversar sobre o tema. Desta forma, a realidade do alcoolismo encontrada nesses espaços tem contribuído para a situação degradante que alguns assentados vivem, e muitos dos assentados que consumiam álcool que foram entrevistados estavam doentes e extremamente dependentes do álcool e a situação, dessa forma, podendo ser considerada um problema de saúde pública.

Autores como Freitas e col. (2009) apontam que o álcool potencializa e agrava uma série de patologias, tais como alterações psíquicas, hepatite alcoólica e cirrose, ademais o álcool pode ainda agir como imunossupressor e favorecer infecções, agravar úlceras pépticas, causar pancreatite, neuropatias e pelagra, dentre outras doenças. Nessa perspectiva, em linhas gerais, o objetivo deste texto é realizar algumas reflexões sobre o alcoolismo e as consequências causadas por essa droga junto aos assentados da região.

## Considerações metodológicas

A inserção na região da pesquisa ocorreu em janeiro de 2001, período que foi elaborado o Plano de Desenvolvimento de Assentamento (PDA) de dois assentamentos (Vereda I e II). E, posteriormente por realização das pesquisas de campo para o mestrado e o doutorado. Desta forma, o longo tempo de convivência nos assentamentos favoreceu a pesquisa de um tema considerado tabu como o alcoolismo. Portanto, os dados apresentados nesse trabalho são frutos de trabalhos de campo realizados entre os anos de 2001 e 2006. Como caminho para a coleta das informações optou-se pela observação e análise do dia-dia no assentamento Vereda I. Desta forma, privilegiou-se principalmente a observação participante por se considerar uma das maneiras mais

adequadas de obter informações do cotidiano em um contexto de maior informalidade e descontração.

Deve-se ressaltar que essa foi uma estratégia pertinente, pois permitiu conviver com assentados, classificados pela comunidade como alcoólatras, procurando-se interpretar os códigos e condutas que esse grupo desenvolve no seu cotidiano e nos espaços que eles frequentam. Passou-se a frequentar os bares e a se identificar aqueles usuários que iam com periodicidade aos bares. Após esse primeiro mapeamento, foi selecionado um grupo com cinco assentados do Vereda I que buscou-se acompanhar mais de perto, a escolha desse grupo justifica-se por ser aqueles assentados que mais consumiam álcool, mas frequentavam o principal bar do assentamento e viviam sozinho.

### Resultados e discussões

*Com a marvada pinga é que me  
atrapaio / Eu entro na venda e já  
dou meu taio  
Pego no copo e dali num saio / Ali  
mesmo bebo ali mesmo eu caio  
Só prá carregar é que eu dou  
trabaio oi lá (...).*

(**Marvada Pinga**, Ochelsis  
Laureano / Raul Torres).

A *epígrafe* que abre os resultados trata do bar e da pinga. Apesar de ser um trecho cômico é trágico, pois, o alcoolismo, ou síndrome do álcool produz sérias consequências não só nos assentamentos rurais, como em toda sociedade e consiste em um problema de saúde pública que geralmente não é tratado como deveria. Na região em questão não foi identificada qualquer política pública, campanha ou trabalho que tratasse dessa doença e dos problemas resultantes do alcoolismo para essas comunidades.

Segundo Zago (2011), o alcoolismo pode ser considerado uma doença com

consequências físicas e sociais das mais danosas daquelas catalogadas pela Organização Mundial de Saúde. Essa síndrome afeta aspectos biológicos, emocionais, espirituais, sociais, familiares financeiros, profissionais, ou seja, afeta amplamente a vida do dependente, trazendo sérias consequências para o indivíduo e para sua família.

Por isso, em muitas famílias que possuem um membro dependente do álcool as condições psicossociais são bastante complicadas, pois, além das dificuldades em se manter no assentamento, essas famílias têm em casa um problema de saúde crônico que não recebe o devido tratamento e em muitos casos não é considerada como doença e/ou dependência. De forma geral, a questão do álcool é tratada como um tabu na sociedade, sendo preferível não admitir o problema ou a própria dependência da bebida, o que contribui para o agravamento da situação.

Durante o resgate histórico do processo de ocupação da terra na região e na fase de acampamento, os entrevistados explicaram que foram criadas uma série de regras rígidas e uma delas tratava da questão do consumo do álcool, ou seja, via de regra era proibido consumir bebida alcoólica no acampamento, sendo liberado o consumo de tal bebida, apenas em época de festejos. Apesar dessas regras, alguns acampados bebiam escondidos, embora se fossem encontrados bêbados seriam punidos, sendo relatada inclusive a expulsão de acampados por causa do uso excessivo de bebidas alcoólicas o que provocava conflitos entre as famílias: "(...) uma vez um cara bebeu muito e foi molestar a mulher do F... ai! nós pegamos ele e demos uma pisa e levamos para assembleia do acampamento, como ele

era reincidente ele acabou expulso” (ASSENTADO, A: 2006). Esse tipo de relato foi muito comum durante a pesquisa. Outros relatos comprovados nas observações realizadas em campo referem-se àqueles casos, nos quais os acampados que bebiam com mais frequência formavam grupos para beberem escondidos em suas barracas, esses assentados acabavam ficando estigmatizados como ‘pinguços’<sup>1</sup>.

Já na fase do assentamento, o rigor desse controle acabou sendo menor, uma vez que o assentamento foi constituído no modelo de parcela, ou seja, cada família fica no seu lote que são distantes uns dos outros. Mas mesmo nessa configuração espacial alguns conflitos existiam envolvendo o grupo daqueles que bebiam com frequência e aqueles que não bebiam. Entre os conflitos é possível destacar uma das polêmicas que ocorreu devido à nomeação da avenida principal onde existe um dos bares mais frequentados na região. A escolha do nome suscitou divergências de opiniões, porque os assentados que bebiam com frequência queriam que se chamasse Avenida Pirassununga, em homenagem a uma marca de cachaça muito consumida na região, mas outros assentados evangélicos queriam que a Avenida fosse batizada de Canaã, que seria um nome bíblico e estaria associado à terra prometida. No entanto, prevaleceu à vontade dos do primeiro grupo e atualmente todos da região conhecem o lugar mais por Avenida Pirassununga. Ao entrevistar pessoas que tinham interesses opostos sobre essa questão foi possível perceber que batizar uma rua poderia causar certos desentendimentos dentro da comunidade. Um dos

entrevistados que queria que a avenida fosse Canaã relatou que não se sentia satisfeito em morar numa rua que levava um nome de marca de cachaça, mas se era a vontade da maioria ele não podia fazer nada, mas ele não reconhecia tal despropósito.

Para aqueles que consumiam bebidas alcoólicas com frequência, a Avenida, ao ser denominada de Pirassununga, proporcionou uma identidade maior com o lugar, uma vez que muitos deles residiam na avenida e *pela primeira vez a vontade deles estava prevalecendo* (ASSENTADO, B: 2006). Os demais moradores do assentamento acabaram achando graça do episódio, que era visto de certa forma como uma disputa entre os assentados crentes, que moravam na avenida, e os assentados ‘pinguços’<sup>1</sup>.

Em relação à influência dos bares na vida dos assentados, percebeu-se a partir das entrevistas que os bares eram considerados como um dos principais espaços de diversão dos assentados. Nesse sentido, em um levantamento feito em conjunto com os frequentadores dos bares dos assentamentos, foi possível contabilizar em fevereiro de 2006, 13 estabelecimentos que estavam divididos da seguinte forma. Ver (Tabela 1) logo abaixo.

**Tabela 1: Bares e mercearias existentes nos assentamentos da região Pé de Serra**

| Assentamentos         | Número de Bares |
|-----------------------|-----------------|
| Água Quente           | 1               |
| Vereda I              | 2               |
| Boa Vista             | 2               |
| Baixão ou COOPERVIDA* | 3               |
| Vereda II             | 5               |
| <b>Total</b>          | <b>13</b>       |

Fonte: pesquisa de campo fevereiro de 2006.

\*Assentamento do Banco da Terra (OLIVEIRA, 2007).

<sup>1</sup> O termo pinguço aparecerá no texto entre aspas, por ser um termo utilizado pelos assentados.

Segundo as informações da tabela acima, o assentamento Vereda II, vizinho ao assentamento pesquisado é o que possui o maior número de bares. Geralmente, estes estabelecimentos são simples, localizados em um cômodo da casa de um assentado. No entanto, em alguns bares é possível encontrar a presença de mesas de sinucas ou algum outro espaço de recreação para os frequentadores. Segundo os comerciantes desses estabelecimentos, os lucros com o local é pequeno, já que para eles não existiria muita circulação de dinheiro nos assentamentos, então não haveria lucros; e as pessoas só comprariam aquilo que era mais urgente porque as compras principais eram feitas no Supermercado Tático na cidade satélite da Ceilândia.

Contudo, nos primeiros anos dos assentamentos os lucros teriam sido maiores. Essa explicação, segundo o que foi observado em campo e levantado em entrevistas, estaria relacionada com o grande montante de dinheiro que circulou nos primeiros anos dos assentamentos, dinheiro esse advindo principalmente dos créditos do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF/A).

Sobre essa questão foi relatado que muitos assentados gastaram boa parte dos créditos liberados pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) nos bares da região. Para os entrevistados apesar de esses comerciantes serem assentados, eles teriam aproveitado da fraqueza dos colegas, no caso aqueles que eram consumidores excessivos de bebidas alcoólicas e faturado. Essa realidade demonstra o desvio do dinheiro dos créditos, para ser gasto com bebidas. É importante destacar que a utilização do dinheiro para essa finalidade era ilegal, mas aqueles que o fizeram deram um

jeito de conseguir burlar as normas do financiamento e aplicar os recursos de outro modo.

Ao longo da pesquisa observou-se que o assunto bar, ficava cada vez mais delicado em abordar com os proprietários. Esse temor de certa forma tinha fundamento, pois, circulava um boato na região que os técnicos do INCRA já haviam alertado que aqueles estabelecimentos que estivessem vendendo, principalmente bebida alcoólica, seriam fechados e os seus proprietários seriam desligados dos lotes, uma vez que o órgão proibiria a venda e comercialização de bebidas alcoólicas nos assentamentos. Por isso, na última ida a campo [2006] o assunto bar com os proprietários foi mais delicado, pois esses temiam ter que fechar os seus estabelecimentos ou perder a morada, porque eles não produziam em suas terras e, além disso, a principal mercadoria que comercializavam era a aguardente, por ser uma bebida barata e que provocava efeitos mais rápidos nos consumidores.

Nesta pesquisa foi possível perceber que o índice de pessoas dependentes do álcool, tanto homens, quanto mulheres era muito alto, mas, infelizmente, não foi levantada uma estatística precisa, pois era um assunto difícil de abordar e um tabu que os assentados como boa parte dos alcoólatras possui. Não foram poucos os casos de relatos de assentados caídos no mato e/ou dormindo bêbados. Logo, muitos relatos colhidos nas entrevistas eram tristes, recheados de pessoas que tinham sido esfaceladas pelo álcool. Os depoimentos em sua maioria caminhavam para direções parecidas: assentados que foram abandonados pela família no assentamento devido ao alcoolismo; que foram para o acampamento e posteriormente para o assentamento



porque a família não os queria por perto na cidade.

Sobre essa questão Zago (2011) ressalta que uma das principais características dessa doença está relacionada a uma sequência de perdas, profissionais, familiares e das amizades. O alcoólatra perde o controle sobre sua vontade e respeito pela família e pelos outros, em muitos casos perde os vínculos familiares e se torna indigente.

Para Freitas e col. (2009), o uso abusivo do álcool contribui para aumentar uma série de problemas sociais, tais como: vandalismo, perturbação da ordem pública, conflitos familiares e interpessoais, abuso de menores, problemas financeiros e ocupacionais, dificuldades educacionais e custos sociais.

No que diz respeito ao grupo investigado, esses conflitos familiares também eram frequentes, fazendo com que o dependente ficasse isolado. Desta forma, aqueles que se encontravam longe de seus familiares procuravam se unir no assentamento, parafraseando Comerford (2003), *como uma família*, pois estavam sempre juntos e sempre resolvendo os problemas do cotidiano, contando com a ajuda um do outro.

Ao conversar com o grupo, nos momentos sóbrios e de embriaguez, percebi que o último estágio era o mais comum. Essas pessoas foram fontes riquíssimas de informações, em relação ao alcoolismo naquele espaço. Esse grupo se identifica basicamente entre si por beberem em demasia quase todos os dias. Geralmente, existe um que está mais sóbrio e vai cuidando um do outro. Dificilmente o grupo frequenta os espaços públicos do assentamento, a exceção do bar, que é frequentado só na hora de comprar a aguardente, porque a maioria gosta de beber em casa, entre

eles. Os assentados comentam que eles têm essa postura porque quando estão sóbrios eles têm vergonha das condições em que ficam quando estão bêbados.

Sobre a vergonha La Taile (2002), aborda que o termo abrangeria um campo muito diversificado e rico de significados como humilhação, pudor e embaraço. Entretanto, o seu conceito estaria associado principalmente a significados que são opostos, a honra/desonra. Além disso, o autor aborda que a vergonha associada à moralidade envolve uma relação entre o juízo do envergonhado e o juízo alheio, ou seja, seria alguma ação que praticamos e estaria relacionada à censura feita por terceiros, relacionada com juízo alheio.

Elias (1994) em seu estudo sobre o processo civilizador, analisando um período temporal entre meados do século XV até o final do século XVIII, apontou que a vergonha seria uma forma que passará a acompanhar os sentimentos humanos. Para isso, ele fez uma alusão sobre as maneiras de se comportar em um quarto de dormir e as transformações que influenciaram a nossa maneira de viver. Nessa perspectiva, o autor utiliza a questão da sexualidade, a maneira de como se deve comportar em um quarto de dormir, na cama e no vestuário, dentre outras maneiras. Com o processo civilizador e as mudanças ocorridas na sociedade a vergonha passou a acompanhar formas de comportamento que antes haviam estado livres desse sentimento. Todo esse processo fazia parte do início da civilização. Esses apontamentos sobre a vergonha sugerem que esta pode estar associada à ridicularização, bem como inferioridade, que o envergonhado sofre perante o indivíduo ou até mesmo perante a comunidade. Sobre essa

questão observou-se um assentado bêbado sendo importunado por um grupo de assentados que zombavam da sua condição de alcoolizado e quando ele estava sóbrio se sentia envergonhado com essa situação.

Destarte, para La Taile (2002), vergonha seria um sentimento de referência ao juízo alheio, por isso seria pobre e duvidoso no que se refere à moralidade, por ser um sentimento externo. No entanto, é um sentimento importante, pois quem tem vergonha acabaria julgando a si próprio, por ser também um sentimento interno.

Bourdieu (1965) ao estudar o sentimento de honra na sociedade Cabília, procurou levantar que a honra para os cabílios estaria relacionada a um código comum e íntimo que julga as suas ações e as dos outros indivíduos, a honra seria no caso desse grupo o verdadeiro fundamento da política. O grupo estudado pelo autor encara a honra como um fundamento ligado à moral própria do indivíduo que é medido sempre pelo olhar alheio. Nesse sentido, é preciso a existência dos outros para existir, isso porque a imagem que forma de si próprio não pode ser diferente da imagem de si que lhe é devolvida pelos outros. “O homem é homem pelos homens, só Deus, diz o provérbio, é Deus por si mesmo” (idem, 1965, p.164).

Pitt-Rivers (1971) ao estudar a reputação conclui que honra e vergonha seriam sinônimos, porque a falta de vergonha seria algo que traria desonra. Além disso, a honra em seu último nível seria o lugar de esclarecimento para os conflitos na estrutura social. Uma pessoa de boa reputação teria os dois valores, assim elas se constituiriam como virtudes. Durante um encontro no qual o grupo se encontrava bastante embriagado eles resolveram contar

histórias sobre as suas vidas, sobre a família que já tiveram, sobre a vida no acampamento e no assentamento e sobre a solidão que era viver no assentamento, sem família, sem mulher e sem sexo. O depoimento de um integrante desse grupo ajuda a entender como essa situação é constituída: “Aqui no assentamento não tem nada, então tem que beber para passar o tempo. (...). Aqui nós bebe por causa do desgosto, não tem mulher, não tem dinheiro, não tem diversão, não tem nada só solidão” (ASSENTADO, D: 2006).

Nesse dia os entrevistados revelaram que entre eles não existia tempo ruim; que eles se sentiam como irmãos e que um dava conselho para o outro para sair daquela vida. Mas ninguém conseguia viver em um assentamento sozinho era muito difícil e a solidão fazia com que a pinga fosse à única companhia, apesar de saber que isso os levaria para outra vida. Outra condição observada, em relação a eles, era a condição física em que se encontravam, pálidos e bastante magros, efeitos de dias a fio bebendo e se alimentando mal.

### **Considerações finais**

Neste texto procurou-se trazer à luz do debate a questão do alcoolismo em assentamentos rurais. Foi possível perceber que essa questão tão presente em diversas comunidades como em assentamentos rurais é extremamente danosa para o cotidiano das famílias que sofrem com esse problema, provocando desestruturação de laços sociais e familiares.

Por outro lado, a pesquisa mostrou que para quem faz uso da bebida em excesso muitas vezes o faz, para se vir livre da realidade e esquecer-se da condição em que vive e por isso beber seria a forma de esconder-se da realidade (ASSENTADO, C: 2006).

Foi possível também levantar que não existe qualquer campanha ou programa de saúde pública que combata o uso excessivo do álcool ou que alerte para os males que a bebida acarreta. Essa realidade contribui para que cada vez mais os assentados não obtenham ajuda para resolver esse problema de saúde pública.

#### Referências

- BOURDIEU, Pierre. O sentimento de Honra na sociedade Cabília. In: PERIOTIONY, J.G. **Honra e vergonha das sociedades Mediterrâneas**. Lisboa: Editora, 1965.
- COMERFORD, John Cunha. **Como uma família**: Sociabilidade, territórios de parentesco e sindicalismo rural. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.
- ELIAS, Norbert. **O Processo civilizador. Rio de Janeiro**: Jorge Zahar editores, 1994.
- FREITAS, Gerson Júlio; OLIVEIRA, Maycon Paulo; COMPRI, Patrícia Colombo. “Álcool e saúde: uma questão de alto custo social”. In: 12º Congresso de Iniciação Científica, 6ª mostra de Pós-Graduação 2009. **Anais eletrônicos unisa**. Disponível em: <[http://www.unisa.br/pesquisa/arquivos/livro\\_1\\_2\\_congresso.pdf#page=573](http://www.unisa.br/pesquisa/arquivos/livro_1_2_congresso.pdf#page=573)>. Acesso em: 10 de outubro de 2011.
- LA TAILLE, Yves de. O sentimento de vergonha e suas relações com a moralidade. In: Psicologia. **Reflexiva**. Cidade: Critica, 2002.
- LAUREANO, Ochelsis; TORRES, Raul. **Moda da pinga (Marvada Pinga)**. Cidade: Editora, 1955.
- OLIVEIRA, Marcelo Leles Romarco de Oliveira. **Retratos de assentamentos**: Um estudo de caso em assentamentos rurais formados por migrantes na região do entorno do Distrito Federal. 2007. 135f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ, 2007.
- PITT-RIVERS, Julian. Friendship and Authority. In: **The people of the Sierra**. London: The University of Chicago Press, 1971.
- ZAGO, Rosemeire. **Causas do alcoolismo**. Disponível em: <[http://aapontagrossa.vilabol.uol.com.br/causas\\_do\\_alcoolismo.htm](http://aapontagrossa.vilabol.uol.com.br/causas_do_alcoolismo.htm)>. Acesso em: 30 de setembro de 2011.